

A tirinha no livro didático e suas perspectivas interpretativas: sentido(s) da palavra democracia

Comic strip in the textbook and its interpretative perspectives: meaning(s) of the word democracy

Sabrina Santos Barros

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Adilson Ventura da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Sabrina Santos Barros

Graduada em Letras Modernas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestranda pelo programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin). Participa do Grupo de Pesquisa e Estudo em Semântica (GEPES) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5375-3343>.

Adilson Ventura da Silva

Doutor em Linguística pela UNICAMP. Professor titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Participa do Laboratório de Pesquisa em Linguística de Corpus (LAPELINC) e Laboratório de Pesquisa e Estudos em Sintaxe e Semântica (LAPESS) e dos grupos de pesquisa: Grupo de Pesquisa e Estudo em Semântica (GEPES) e Linguagem, Enunciação, Discurso (LED). E-mail: adilson.ventura@gmail.com. Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7659776762654841>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7521-3981>

Recebido em:
09/01/2024

Aceito em:
28/07/2024

AGOSTO/2024
ISSN 2317-9945 (On-line)
ISSN 0103-6858
p. 246 - 260

RESUMO

Sabe-se que o livro didático é um instrumento que assume uma importância significativa na promoção das competências preconizadas pelos documentos normativos brasileiros, contribuindo de forma indispensável para o desenvolvimento do educando. Por esta razão, decidimos analisar esse instrumento didático e levantamos a seguinte questão: os exercícios relacionados às tiras presentes no livro didático *Português Linguagens* fornecem um direcionamento às interpretações do(s) sentido(s) do texto? Para responder a essa questão, situamo-nos teoricamente na Semântica do Acontecimento, proposta por Guimarães (2002, 2007, 2009, 2011, 2018), que toma a enunciação como o lugar em que devem se situar os estudos dos sentidos, considerando-a como uma prática histórica e política. Como metodologia de análise, utilizamos alguns conceitos metodológicos próprios à teoria utilizada, tais como sondagem, cena enunciativa, reescritura, articulação e, nessa direção, essa pesquisa objetivou, principalmente, analisar a construção dos exercícios apresentados pelos livros didáticos relacionados à uma tira específica; analisar o funcionamento semântico da palavra *democracia* a fim de verificar se essas atividades contemplam o trabalho com os sentidos em textos multissemióticos. Os resultados apontaram que o aluno não é instigado, a partir do livro didático, a analisar questões que envolvam as relações de sentido sugeridas pela tira analisada.

PALAVRAS-CHAVE

Semântica do Acontecimento. Livro didático. Tira

ABSTRACT

The textbook is an instrument of significant importance in promoting the competencies advocated by Brazilian normative documents, contributing

indispensably to the development of the student. For this reason, we decided to analyze this didactic instrument and raised the following question: do the exercises related to comic strips in the textbook “Português Linguagens” provide guidance for interpretations of the text’s meaning(s)? To answer this question, we situated ourselves theoretically in the Theory of Event Semantics, proposed by Guimarães (2002, 2007, 2009, 2011, 2018), which considers enunciation as the place where studies of meanings should be situated, viewing it as a historical and political practice. As a method of analysis, we used methodological concepts specific to the theory, such as probing, enunciative scene, rewriting, articulation, and, in this direction, this research aimed primarily to analyze the construction of exercises presented in textbooks related to a specific comic strip; analyze the semantic functioning of the word “democracy” to verify if these activities include work with meanings in multisemiotic texts. The results indicated that students are not encouraged, through the textbook, to analyze issues involving the suggested senses of the analyzed comic strip.

KEYWORDS

Semantics of the Event. Textbook. Comic Strip

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma análise semântica detalhada de um excerto que compõem o corpus de uma pesquisa de mestrado intitulada “A tirinha no livro didático e suas perspectivas interpretativas: explorando o espaço de enunciação”, a qual propõe um estudo semântico das tiras presentes no livro didático “Português Linguagens” de Cereja e Magalhães destinado à terceira série do Ensino Médio.

Para a construção desse corpus, selecionamos as tiras: uma sucessão de imagens/desenhos composta, normalmente, por poucos quadrados que, por sua vez, se desenvolve alicerçada a uma crítica que pode ou não construir humor, isto é, um texto complexo em que seu espaço de enunciação se faz eficaz para trabalhar questões concernentes ao sentido na sala de aula. Neste artigo, analisamos uma tira específica que constitui o *corpus* juntamente com os exercícios que a acompanham, a fim de verificarmos se há uma abordagem semântica que contribua para a interpretação de variados temas.

O interesse pelo gênero e não por outros textos presentes no livro se deve ao fato de que as tiras frequentemente refletem questões culturais e sociais, muitas vezes, abordam tópicos contemporâneos e relevantes; ao analisá-las, é possível explorar como essas representações culturais e sociais são incorporadas ao currículo escolar. Além disso, as tiras combinam texto e imagem de maneira compacta, o que oferece a oportunidade de investigar como a interação entre elementos visuais e textuais afeta a interpretação e a compreensão de um texto, uma questão fundamental no campo da Linguística que pode contribuir para estratégias de ensino mais eficientes.

O livro didático selecionado como *corpus* – Português Linguagens – de Cereja e Magalhães, foi aprovado em todas as etapas exigidas pelo PNL D (Programa Nacional do livro e do Material Didático), isto é, passou por uma

avaliação pedagógica em que uma comissão de especialistas em diferentes áreas do conhecimento analisou sua materialidade, levando em consideração aspectos como a clareza na exposição dos conteúdos, a adequação metodológica e a presença de atividades e exercícios, entre outros fatores.

2. Metodologia

A fim de realizarmos nossa investigação sobre os sentidos da palavra “democracia” nessa materialidade, lançamos mão da teoria da Semântica do Acontecimento proposta por Guimarães (2002, 2007, 2009, 2011, 2018) que parte do pressuposto da não transparência da língua e que o sentido se dá na enunciação, no acontecimento do dizer. Para a Semântica do Acontecimento, os sentidos são constituídos numa relação da língua com a própria língua, porém, essa relação é tomada na História. A enunciação consiste em uma relação do sujeito com a língua, sendo uma prática política, pois instaura o conflito no centro do dizer.

A perspectiva teórica da Semântica do Acontecimento vem sendo desenvolvida por estudiosos em alguns grupos de pesquisa pelo Brasil, inclusive na UESB, onde trabalhos de grande relevância são desenvolvidos pelo GEPES (Grupo de Estudos e Pesquisa em Semântica), o qual trabalha com a análise da constituição de sentidos de palavras específicas, em diferentes fatos de linguagem, em materialidades diversas como livros didáticos, leis, mídia, mapas, memes, entre outros. Para realização deste trabalho, mobilizamos os pressupostos citados, sendo executados os procedimentos de análise da Semântica do Acontecimento, a Reescritura e a Articulação e demonstramos essas relações de sentido produzidas a partir do Domínio Semântico de Determinação (DSD), como vemos a seguir.

A Semântica do Acontecimento, doravante SA, teoria semântica enunciativa proposta por Guimarães (2002, 2007, 2009, 2011, 2018), considera o texto uma dispersão de sentidos, pois é na enunciação que eles são constituídos. Sendo assim, o enunciado é tratado como integrado a um texto, como exposto mais adiante neste trabalho.

Para compreendermos como esses sentidos são constituídos, é fundamental considerar que a SA coloca de saída a questão do sujeito que enuncia, pois parte dos pressupostos da opacidade da língua e do sujeito, ou seja, a língua não é transparente e sua relação com o real é histórica. Nessa perspectiva, o sujeito também não é transparente e não possui controle algum sobre os sentidos, uma vez que, em nosso escopo teórico, o sujeito, não sendo origem do sentido, é tomado por ele e é agenciado a dizer o que diz pelo espaço de enunciação. “O locutor só é locutor enquanto falante determinado por este espaço político do dizer, o espaço de enunciação” (Guimarães, 2009, p. 50). Desse modo, a enunciação, enquanto acontecimento da linguagem, constitui-se em uma relação do sujeito com a língua, sendo essa relação uma prática política, pois instaura o conflito no centro do dizer (Guimarães, 2002).

Para melhor compreendermos a questão do político no acontecimento da linguagem, é importante que tenhamos em mente que o acontecimento se dá no espaço de enunciação, conceito que Guimarães (2002, p. 18) apresenta como: “[...] um espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas lín-

guas, enquanto espaço político”, isto é, um local de relação entre línguas e falantes, sendo esse espaço caracterizado por uma disputa incessante pela língua numa relação de inclusão/exclusão, cuja divisão política nunca é estanque, pois há uma busca constante pelo direito de falar. Assim sendo, o falante, tomado pelo espaço de enunciação é agenciado a falar. Desse modo, podemos dizer então que a enunciação nada tem a ver com a intenção do sujeito que enuncia, visto que o acontecimento de linguagem agencia o sujeito a dizer o que diz, e, ao tratarmos dessa questão, devemos considerar, além das relações de linguagem, elementos como o lugar social e a História (Guimarães, 2018).

Por meio dos conceitos discutidos até aqui, observamos que o sentido se dá no acontecimento da linguagem, em uma relação entre língua e sujeito permeada pelo conflito. No entanto, para que isso ocorra, a enunciação instaura uma temporalidade que é diferente de uma temporalidade cronológica, ou de uma temporalidade instaurada pelo sujeito. O acontecimento instaura sua própria temporalidade. No acontecimento da linguagem a enunciação instaura um presente e, para constituir sentido, a partir das relações de linguagem contidas no enunciado, remete a um memorável que não é formado por lembranças pessoais, mas por enunciações passadas. Essas memórias de sentidos de enunciações passadas são projetadas para o futuro, ou seja, para possíveis interpretações:

A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações passadas, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro [...] o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de convivibilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação (Guimarães, 2002, p. 12).

No que diz respeito à análise da constituição dos sentidos, a SA faz um deslocamento do conceito de integratividade de Benveniste, o qual consiste em analisar o sentido de uma expressão linguística não de maneira segmental, mas enquanto integrado a um enunciado e o enunciado enquanto parte de um texto: “[...] consideramos que o sentido de um enunciado é sua relação de integração ao texto em que está”, como observa Guimarães (2018, p. 42). Isso quer dizer que o enunciado não é tomado isoladamente, ou como um processo somatório, mas como lugar de observação da palavra em relação ao texto. Para analisar o sentido de um enunciado de forma integrativa, a SA propõe dois procedimentos enunciativos: a articulação e a reescrituração.

A articulação e a reescrituração são dois procedimentos de análise propostos pela SA. A articulação corresponde a “[...] uma relação de contiguidade significada pela enunciação” (Guimarães, 2009, p. 51). Nessa articulação, são percebidas relações de predicação e de complementação – relação determinante/determinado. Tal articulação pode acontecer de três modos distintos: 1) por dependência, quando os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui no conjunto um só elemento; 2) por ordenação, quando se apresenta por um processo de acúmulo de elementos numa relação de contiguidade; 3) por incidência, quando há relação entre

um elemento e outro sem uma relação de dependência estabelecida (Guimarães).

Já as relações de reescrituração são definidas pela maneira como um termo é redito insistentemente em um texto de forma diferente de si. Contudo, diferentemente das relações de articulação, as de reescritura não necessariamente são de contiguidade, podendo acontecer entre elementos à distância dentro do texto:

A reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado. Esta reescrituração é o procedimento que coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição do sentido de um texto (Guimarães, 2007, p. 84).

As relações de reescrituração podem ser: a) por repetição, quando a expressão ou o termo é dito repetidamente, na íntegra, no texto; b) por substituição, quando há retomada da expressão ou do termo no texto por outra expressão ou outro termo; c) por elipse, a expressão ou o termo é omitido em alguma parte do texto; d) por expansão, há ampliação do sentido de expressões ou termos por outras no texto; e) por condensação, a qual, ao contrário da reescritura por expansão, ocorre quando uma expressão ou um termo é resumido por outra expressão ou outro termo; e f) por definição, sendo uma expressão ou um termo definido por outro termo ou outra expressão ao longo do texto.

As diversas formas de reescrituração podem produzir uma sinonímia, uma especificação, um desenvolvimento, uma generalização, uma totalização, uma enumeração (Guimarães, 2009). Enfim, ao representar a análise das relações de reescritura e articulação aqui abordadas, temos o DSD (Domínio Semântico de Determinação) que é “[...] uma interpretação do próprio processo de análise e deve ser capaz de explicar o funcionamento do sentido da palavra no corpus especificado” (Guimarães, 2007, p. 81). Essas relações de sentido são demonstradas por meio de representações gráficas, por sinais específicos propostos pelo professor, como vemos a seguir.

3. Análises e discussões

A tira utilizada nesta análise é a quinta presente no livro analisado e está disposta no capítulo 8, cujo eixo é gramatical, nomeado por “Língua: uso e reflexão”, na seção “A pontuação”, que tem como subcapítulo “A pontuação na construção do texto”, que antecede o capítulo nomeado “Semântica e discurso”.

Vejamos, agora, a tira em questão, o exercício que a acompanha bem como as respostas sugeridas pelos autores para a atividade.

Figura 1: corpus de análise (tira nº 01)

Leia a tira a seguir, de Laerte, e responda às questões 3 e 4:



(Folha de S. Paulo, 11/4/2003.)

3. No 1º quadrinho:
- Tanto na fala de Muketa quanto na de Bwana, que termo da oração aparece isolado por vírgula? O vocativo: Muketa, no 1º balão; Bwana, no 2º.
 - Observe o contexto e responda: Por que foi empregado o ponto e vírgula depois da frase "Vocês são pobres porque são atrasados"?
Para separar a enumeração que a personagem está fazendo sobre as causas da pobreza do interlocutor: ... são atrasados; vocês são pobres porque não praticam a democracia...
 - O que o emprego das reticências sugere depois da palavra Muketa? Que a personagem interrompeu seu pensamento ou que talvez fosse continuar enumerando outras causas da pobreza do interlocutor.
4. No enunciado "É simples: um homem, um voto - e a maioria decide", do 2º quadrinho, há dois termos implícitos. Considerando essa informação, justifique o emprego dos sinais de pontuação nesse enunciado. O dois-pontos foi empregado para introduzir o aposto, esclarecendo o que é democracia; a vírgula, para indicar que, entre os termos um homem e um voto, está implícito um verbo (vale); e o travessão, para destacar o que foi dito anteriormente, ou seja, numa democracia, os votos da maioria vencem.

Fonte: Cereja; Magalhães, 2016, v. 3, p. 178.

Começamos, então, relacionando o título do eixo do capítulo, que nesse caso é "Língua: uso e reflexão", com o enunciado que introduz a tira, a saber: "Leia a tira a seguir, de Laerte, e responda às questões 3 e 4". No eixo do subcapítulo, nomeado "A pontuação na construção do texto", temos que a palavra "língua" está articulada, por incidência, a todo o restante do capítulo e, também, por incidência, aos termos "uso e reflexão", palavras que também acompanham o título. A palavra "língua", similarmente, está reescriturada, por elipse, por "gramática normativa", dado que esse capítulo se insere nesse eixo, conforme o sumário do próprio livro. Desse modo, temos que a língua é representada pela norma linguística, estabelecida essencialmente por um viés gramatical.

A palavra "uso", por sua vez, articula-se, por incidência, à tira e está reescrita, por expansão, pela palavra tira presente no enunciado que apresenta o gênero. Por fim, o vocábulo "reflexão", que também constitui o título desse capítulo, articula-se, por incidência, ao enunciado do exercício que acompanha a tira; está reescrito, por expansão, pela expressão "observe o contexto e responda" e reescriturada, por definição, em "responda às questões 3 e 4". Vejamos essas relações representadas graficamente no DSD abaixo:

Figura 02 – DSD¹ Língua: reflexão e uso (Tira nº 5)

1 (Utiliza-se o caractere [|] para representar as relações de determinação).

Gramática normativa

⊥

Língua: reflexão e uso | aplicação da Gramática da Língua Portuguesa

┌ ┌
Tira

Observe o contexto
e responda às
questões 3 e 4

Fonte: elaboração própria (2023).

Temos, então, ilustrados nesse DSD da figura 2, relações enunciativas que se repetem para todas as tiras dispostas nos capítulos voltados ao eixo gramatical do livro didático, pois todas inserem-se em capítulos cujo eixo é “*Língua: reflexão e uso*”, sendo essas relações estabelecidas a partir das associações de reescrituração e articulação descritas acima.

Analisemos, agora, mais detalhadamente essas relações enunciativas ilustradas no DSD da figura 2: lemos que a expressão “língua: reflexão e uso” é determinada por aplicação da gramática da Língua Portuguesa, uma vez que o exercício acompanhado pela tira explora unicamente questões gramaticais – a análise voltada ao exercício em questão é apresentada a seguir – enquanto “língua” é determinada, portanto, por gramática normativa. A palavra “reflexão” é determinada por “Observe o contexto e responda às questões 3 e 4”, ou seja, pelo exercício que acompanha a tira, isto é, remete ao sentido de que o que se considera por reflexão é a resolução de questões relacionadas à tira apresentada. Ainda nesse DSD, temos que a palavra “uso” está determinada pela própria tira, ou seja, ela é a representação do uso da língua em determinado contexto. A partir dessas relações, podemos projetar as seguintes paráfrases:

- a) Língua é a gramática normativa;
- b) Reflexão é responder corretamente ao que o exercício do livro propõe;
- c) Usar a língua é usá-la em sua face gramatical normativa;
- d) Refletir sobre o uso da língua é pensar no que a gramática estipula como correto;
- e) Utilizar a língua implica em empregá-la em sua vertente gramatical normativa.

Os resultados dessas paráfrases sustentam que a gramática normativa é a base que define e orienta o uso da língua, implicando empregar corretamente as regras gramaticais, além de que a reflexão se relaciona somente ao pensamento voltado a acertar um questionamento relacionado a uma questão gramatical.

Podemos, então, observar, a partir do DSD e das paráfrases projetadas, que, se “reflexão” é determinada por responder corretamente ao que o exercício relacionado à tira propõe, nos interessa, mais ainda, analisar detalhadamente a construção desse exercício. Todavia, antes, nesse segundo momento, focaremos na análise do(s) sentido(s) da tira e seu conteúdo propriamente para, posteriormente, analisarmos a construção da atividade relacionada a ela.

Assim, para a realização da análise do conteúdo da tira, fazemos, inicialmente, uma descrição dos elementos verbais e não verbais presentes na tira 01, ao passo que também analisamos a descrição realizada. Para a tira 01, dispomos da descrição seguinte:

A tira nº 01 apresenta quatro personagens enfileirados no primeiro quadrinho, localizados atrás de um cenário verde que se assemelha a um gramado. O primeiro personagem dessa fila é branco, usa um chapéu de formato cônico, com uma aba média que circunda a parte superior, usa óculos e traja uma camisa cor cáqui – esse tom é muito utilizado na confecção de uniformes, sobretudo, em fardas de militares. A primeira fala da tira é introduzida ao se dizer “vocês são pobres porque são atrasados; não praticam a democracia, Muketa...”, referindo-se a Muketa, que é o personagem seguinte da fileira. Muketa, então, é um personagem negro que também usa chapéu, todavia, em formato de trapézio em tom azulado, óculos escuros e traja uma roupa de cor amarela. O personagem responde, ainda no primeiro quadrinho, do seguinte modo: “Nos ensine, Bwana”.

Os personagens seguintes dessa fileira também são negros como Muketa e, por não utilizarem chapéu, observa-se que um (o terceiro) possui o cabelo raspado e outro (o quarto) um cabelo crespo e preto; ambos vestem camisas que deixam os braços à mostra. Desses dois últimos, um carrega um pequeno tonel de madeira semelhante a um cilindro, usado para conservar ou para o transporte de alimentos, especialmente líquidos, e, o outro, um objeto que configura um embrulho. Ambos carregam esses objetos sobre suas cabeças.

No segundo quadrinho, Bwana responde ao que foi dito por Muketa no quadrinho anterior do seguinte modo: “É simples: um homem, um voto – e a maioria decide.” Neste quadrinho, o cenário do primeiro se repete: os personagens ainda estão enfileirados atrás de Bwana e apresentam a mesma expressão facial do primeiro quadrinho (rostos com semblante concentrado). O terceiro e último quadrinho, por seu turno, não apresenta nenhum acompanhamento verbal e tem a seguinte ilustração: Muketa, desta vez, liderando a fileira; atrás dele, os outros dois personagens negros e, por fim, como o último personagem da fila, Bwana, carregando sobre a sua cabeça o barril e o embrulho antes carregados pelos outros dois personagens.

Neste último quadrinho, a boca de Bwana aparece com uma pequena curva nos cantos e os seus olhos apresentam-se para baixo, enfatizando, assim, a expressão de indignação, dando a impressão de uma carga emocional negativa, a qual difere da expressão dos outros dois primeiros quadrinhos, em que sua boca estava amplamente sorridente, em conjunto com a articulação de suas mãos, o que trazia a ideia de segurança em sua argumentação.

Essa alteração no cenário ilustrou a efetivação da democracia no últi-

mo quadrinho, dado que os três personagens negros eram a maioria e, ainda assim, até então, seguiam ordem de Bwana e carregavam objetos pesados sobre suas cabeças. Desse modo, pudemos depreender a concretização da democracia, justamente pelo fato de que, no terceiro quadrinho, Bwana carrega os dois pacotes de uma única vez, demonstrando que os outros três personagens, antes adjetivados como pobres e atrasados, entenderam a essência da democracia e decidiram votar para que ele carregasse os objetos. Esse foi, portanto, o último cenário, bem como a finalização da tira 01 e dessa descrição da tira.

A palavra “democracia” aparece pela primeira vez na primeira fala do quadrinho, a saber: “você são pobres porque são atrasados; não praticam a democracia, Muketa...” a palavra “pobre” articula-se, por dependência, à palavra atrasados e ambas são reescrituradas, por definição, pela expressão “não praticam a democracia”. A palavra “democracia”, por sua vez, articula-se, por coordenação, com “é simples”, presente na fala do segundo quadrinho, em “É simples: um homem, um voto – e a maioria decide”, e está reescrita, por definição, pela expressão “a maioria decide”, expressão a qual articula-se, por dependência, com “um homem, um voto”, termo que também é uma reescritura por substituição de “democracia”. Tais relações estabelecem o sentido de que não praticar a democracia é ser atrasado e pobre, ao passo que praticá-la é simples, basta a maioria decidir por algo. Assim, podemos representar essa primeira etapa de análise com o DSD seguinte:

Figura 3 – DSD² democracia (Tira nº 01)

É simples | **democracia** | Um homem, um voto

┐

A maioria decide

Pobres e atrasados | Não praticam a democracia

(Fonte: elaboração própria (2023)).

No Quadro 02, DSD democracia (Tira nº 01), temos que “democracia” é determinada por um homem, um voto, o que remete ao sentido de igualdade de participação, ou seja, a influência de todos os cidadãos, independentemente de sua origem, status social ou poder econômico. Essa palavra também é determinada pela expressão “é simples”, o que remete semanticamente que a implementação e manutenção de uma democracia eficaz

não envolvem complexidades e desafios significativos, uma vez que o termo também é determinado por “a maioria decide”, que remete ao princípio de que as decisões políticas devem refletir a vontade da maioria dos cidadãos.

Ainda no cerne dessas relações enunciativas, observamos que “democracia” estabelece uma relação de antonímia com “pobres e atrasados”, termo determinado por “não praticam a democracia”. Dessa forma, a partir dessas relações de articulação e reescrituração, temos as seguintes paráfrases:

- a) A democracia garante a igualdade de participação;
- b) A democracia é simples e não envolve desafios significativos;
- c) Quem não pratica a democracia é atrasado e pobre;
- d) A pobreza e o atraso podem ser atribuídos à falta de percepção que não se está em uma democracia.

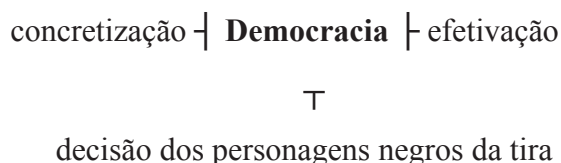
As paráfrases sustentam sentidos de que, em uma democracia, todos os cidadãos têm o direito e a oportunidade de participar de forma igualitária no processo político, o que implica que não deve haver discriminação ou restrições injustas ao acesso e à participação política e sugerem, também, não existirem desafios ou obstáculos significativos associados à implementação e manutenção da democracia.

Além desses sentidos, temos o de que aqueles que não praticam a democracia são considerados atrasados e pobres. Esse fato implica que a falta de democracia é vista como um sinal de falta de progresso social e econômico, além de sugerir uma correlação negativa entre a prática democrática e o desenvolvimento, atribuindo à democracia a causa desses problemas sociais. Em vista disso, faz-se necessário pensar o funcionamento do político nessas relações, dado que a democracia é vista ao mesmo tempo como algo simples e, por outro lado, como responsável por questões de ordem social.

Agora, em um terceiro momento, analisamos, o(s) sentido(s) de democracia no terceiro quadrinho da tira, o qual não apresenta nenhum acompanhamento verbal. Essa análise foi realizada durante o texto da descrição dessa tirinha e, a partir dele, observamos as seguintes relações enunciativas associadas à palavra “democracia”.

Temos que “democracia” se articula, por dependência, às palavras “efetivação e concretização” e está reescrita por expansão em “os três personagens antes adjetivados por pobres e atrasados entenderam a essência da democracia e decidiram votar para que ele carregasse os objetos”. Além disso, a palavra “democracia” aparece reescrita por repetição nas três ocasiões grafadas em negrito no texto da descrição. Interpretamos, por meio dessas relações, que a efetivação da democracia se dá quando de fato a maioria decide/vota por algo, como foi ilustrado no último quadrinho da tira. Assim, segue o DSD dessas relações:

Figura 3 – DSD³ Último quadrinho (Tira nº 01)



Fonte: elaboração própria (2023).

Nas relações apresentadas pela Figura 3, DSD último quadrinho (Tira 01), democracia é determinada por concretização e efetivação quando a decisão dos personagens negros é executada, por isso, temos que democracia também é determinada por “decisão dos personagens negros da tira”. Essas relações nos permitem interpretar que a efetivação/concretização da democracia só ocorre quando a decisão da maioria é colocada em voga, assim, a partir dessas relações de determinação podemos parafrasear:

- a) A efetivação da democracia ocorre após a decisão da maioria ser executada;
- b) A concretização da democracia se dá quando a decisão da maioria é implementada de forma efetiva.

Os sentidos sustentados pelo mecanismo de paráfrase atribuem à efetivação da democracia a realização de determinada ação que, no caso da tira 01, deu-se justamente pela inversão dos papéis apresentados antes no primeiro quadrinho. Vimos, então, diversos sentidos e relações recortados pela palavra democracia na tira apresentada no livro.

Nessa direção, analisamos, neste quarto momento, o exercício que acompanha essa tira, a fim de verificarmos se há uma tentativa em abordar essas questões semânticas verificadas na sua análise.

Nesse recorte analisado, o livro apresenta a tira 01 e uma questão com três perguntas para serem respondidas discursivamente pelo aluno, todas relacionadas somente ao primeiro quadrinho da tira, e uma outra questão, também para ser respondida discursivamente, que considera somente o 2º quadrinho, ou seja, as duas questões relacionam-se diretamente e exclusivamente aos aspectos verbais, desprezando, desse modo, o último quadrinho, que não apresenta acompanhamento verbal, somente ilustração.

O enunciado que introduz as questões da atividade é “No 1º quadrinho”. Na sequência, a primeira pergunta discursiva que acompanha a tira 01 é a seguinte: (a) “Tanto na fala de Muketa quanto na de Bwana, que termo da oração aparece isolado por vírgula?”; (b) “Observe o contexto e responda: Por que foi empregado ponto e vírgula depois da frase ‘você são pobres porque são atrasados?’”; (c) “O que o emprego das reticências sugere

depois da palavra Muketa?”. Nessa primeira etapa da atividade, temos que a palavra “reflexão” presente no título do capítulo está reescriturada por expansão pelos enunciados (a), (b) e (c).

A questão seguinte, por sua vez, apresenta o seguinte enunciado, o qual é uma reescrituração por expansão da palavra “uso”, a saber: (4.) “No enunciado: ‘é simples: um homem, um voto – e a maioria decide’, do 2º quadrinho, há dois termos implícitos. Considerando essa informação, justifique o emprego dos sinais de pontuação nesse enunciado”.

Vejam essas relações de reescrituração apresentadas no DSD que segue:

Quadro 04 – DSD⁴ Exercício que acompanha a Tira nº 01

Reflexão | justificar o emprego da vírgula, ponto e vírgula e reticências

Fonte: elaboração própria (2023).

Assim, temos que “reflexão” é determinada por justificar o emprego da vírgula, do ponto e vírgula e das reticências, desse modo, interpreta-se que refletir sobre o conteúdo da tira incide unicamente em justificar o uso de algumas pontuações. Além disso, “uso” é determinado pela apresentação dos termos implícitos no enunciado, ou seja, o uso da língua está sendo determinado pela capacidade de o aluno inferir as elipses presentes nas falas das personagens da tira. Por meio dessas relações de sentido, é possível parafrasear:

- a) A capacidade de reflexão do aluno é avaliada a partir da sua capacidade em justificar o uso dos sinais de pontuação na tira;
- b) Refletir é conseguir justificar o emprego dos

sinais de pontuação presentes na tira;

c) É possível justificar o uso dos sinais de pontuação na tirinha por meio da reflexão;

d) Usar a língua é conseguir identificar termos implícitos em um enunciado.

Os sentidos sustentados através mecanismo de paráfrase exemplificados acima reforçam o que já foi apresentado em nosso primeiro momento de análise, ou seja, que o que determina o uso e reflexão da língua é a reflexão e uso unicamente no campo gramatical.

Para essa segunda questão, interessa-nos também analisar o que o livro apresenta como resposta para a pergunta. Grafado em letra de menor tamanho e em cor rosa, o livro apresenta a seguinte resposta para o questionamento (4.) “Os dois-pontos foi empregado para introduzir o aposto, esclarecendo o que é democracia; a vírgula, para indicar que entre os termos “um homem, um voto”, está implícito um verbo (vale); e o travessão, para destacar o que foi dito anteriormente, ou seja, numa democracia, os votos da maioria vencem.” Temos, portanto, o reaparecimento da palavra democracia no que se considera como resposta correta para essa questão. Sendo assim, relembremos, ainda, que essa palavra, inserida no contexto acima, aparece somente no exemplar do professor e não do aluno. A palavra “democracia” no texto que responde à questão também aparece reescriturada por definição por “os votos da maioria vencem”, assim como apresentado em nossa análise semântica da tira.

Na cena enunciativa dessa atividade que acompanha a tira, temos o alocutor-x que, nesse caso, é o alocutor-especialista em gramática, justificando o emprego de cada sinal de pontuação presente no texto, sustentando isso para o alocutário-x – que é o at-aluno – o qual buscará inferir termos implícitos e uso de determinado sinal de pontuação em detrimento de outro, no diálogo da tira em questão. Além disso, o alocutor-especialista em gramática atém-se somente aos primeiros quadrinhos da tira, visto que somente esses apresentam acompanhamento verbal, apagando-se qualquer questionamento voltado à interpretação não só para o 3º quadrinho, mas, também, para a tira como um todo. Sendo assim, o at-aluno não é instigado, a partir do livro didático, a analisar questões que envolvem as relações de sentidos da tira 01.

Na direção do que se concluiu acerca do tratamento dado ao estudo dos sentidos pela atividade do livro relacionada à tira analisada, Stahlauer e Reis (2019) já haviam apontado que é fundamental que se aborde o semântico como objeto científico e como elemento constitutivo de todas e quaisquer relações de linguagem, ou seja, conforme os autores “[...] o ensino de línguas deve extrapolar o tratamento da(s) língua(s) como meros instrumentos de comunicação, mas como o próprio modo de inserção dos sujeitos falantes no mundo, em sociedades constituídas, significadas, pelo simbólico” (Stahlauer e Reis, 2019, p. 87). Todavia, o que observamos, por fim, é que essa abordagem semântica não é realizada no recorte em questão.

Considerações finais

Concluimos que o direcionamento da questão se volta somente ao emprego do uso de algumas pontuações para introduzir termos implícitos na tira e que, em nenhum momento, há um direcionamento para que o aluno reflita acerca dos sentidos implícitos. Nessa direção, uma evidência do desprezo da questão semântica nessa atividade se dá justamente pelo fato de nenhuma questão direcionar-se ao último quadrinho, o qual carrega a conclusão da discussão da tira e suscita uma série de reflexões.

Além disso, pudemos observar que se considera que a gramática normativa como base que define e orienta o uso da língua, implicando em empregar corretamente as regras gramaticais, além de que a reflexão se relaciona somente ao pensamento voltado a acertar um questionamento relacionado a uma questão gramatical.

Vale ressaltar, ainda, que esta pesquisa não advoga pela extinção do ensino da gramática normativa, nem se tem a intenção de criticar os autores desse material didático. O objetivo, após a realização dessas análises, é apontar (ou considerar) novas direções, sugerindo um enfoque que incorpore tanto a gramática quanto a semântica, principalmente no contexto dos livros didáticos e, sobretudo, quando relacionado ao gênero tira, o qual carrega discussões e reflexões elaboradas sobre questões culturais, sociais, linguísticas, éticas e políticas.

Nesse cenário, esta pesquisa sugere um estudo que enfatize a investigação sobre como os significados são construídos no interior do texto, especialmente na tira, indo além de uma análise superficial que parece se relacionar à interpretação de texto, quando, na realidade, foca na gramática normativa.

Observamos, ainda, que o exemplar em análise é o último livro com o qual o aluno da educação regular básica, já no Ensino Médio, tem contato. Verificamos que é fundamental promover uma educação que valorize a leitura e a interpretação de textos, especialmente no que diz respeito a textos que envolvem questões culturais, sociais, linguísticas, éticas e políticas, como as tiras. Percebemos, assim, através da análise realizada, que as tiras são gêneros que materializam textos que se adequam para o cumprimento dessa habilidade prevista.

Notamos, por fim, que a abordagem limitada em um capítulo intitulado “Língua: Reflexão e Uso”, que se restringe exclusivamente às questões gramaticais relacionadas ao uso da norma-padrão, negligencia aspectos essenciais do ensino da língua, justamente voltados à reflexão e uso. Esse enfoque excessivamente prescritivo não apenas desconsidera a complexidade linguística, mas também deixa de promover habilidades cruciais, como a de interpretação de texto.

O papel da língua na sociedade transcende as regras gramaticais estritas; é uma ferramenta de comunicação que carrega significados culturais, sociais e individuais. Portanto, uma abordagem mais holística que integre questões gramaticais com a interpretação de textos, a análise de discursos e a reflexão sobre tópicos pertinentes apresentados pelas tirinhas é fundamental para o desenvolvimento efetivo da competência interpretativa dos estudantes, a fim de capacitar os alunos a se tornarem – utilizando os termos dos PCN’s – comunicadores eficazes e leitores críticos em diferentes

contextos.

Referências

- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português: Linguagens**, vol. 3. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.
- GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes. 2002a.
- GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas: Pontes. 2 ed. 2002b.
- GUIMARÃES, E. Domínio semântico de determinação. *In*: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. (Orgs.). **A palavra: forma e sentido**. Campinas: Pontes, 2007.
- GUIMARÃES, E. **Análise de texto**: procedimentos, análises, ensino. Campinas: Editora RG, 2011.
- GUIMARÃES, E. **Semântica**: enunciação e sentido. Campinas: Pontes, 2018.
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 5. ed. Campinas: Pontes, 2009.
- STAHLHAUER, A. S. M., REIS, C. F. Texto, enunciação e as práticas (políticas) de ensino de línguas: contribuições da Semântica do Acontecimento para pensar os sentidos no ensino da língua portuguesa. **Traços de Linguagem**. V.3, n.2, p. 85-96, 2019.